Sermão anunciado no culto da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista

São Bernardo do Campo, 13 de Abril de 2011.

## *Rei às avessas*: Releituras de um Messias-Rei entre ramos e panos

## Exórdio

Grande é minha alegria em retornar ao púlpito, na “Casa das Profetizas e Profetas”. Em 2001, há 10 anos, cheguei à FaTeo vindo de Campo Grande, RJ, depois de ter começado os estudos no Bennett. Essa memória quando deparada/confrontada com o texto de Mateus, fez-me pensar em transformações, inversões e giros que compõem tanto minha biografia, nessa última década, quanto matizam a estória do evangelista.

Com esperança de que, como lembra Riobaldo: “a vida da gente nunca tem termo real.[[1]](#footnote-1) (...) Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômpito[[2]](#footnote-2)”; e de que a leitura do Evangelho transforma nossa caminhada, **convido vocês para orarmos:**

**Deus de todos os nomes...**

A estória desses 11 versículos do evangelho de Mateus, recontada também pelos demais evangelistas, ensina-nos sobre um Messias-Rei (ou Rei-messias) pacífico e desarmado – que tinha sido anunciado pelo profeta Zacarias (9) – entrando em Jerusalém.

De fato essa perícope se prolonga até o versículo 17 e tem no templo seu verdadeiro objetivo, segundo exegetas como Barbaglio e Luz. Compondo, dessa maneira, um esquema formal e conhecido, cujas descrições de entrada de um soberano em Jerusalém, ato muitas vezes ocorrido, culminam no templo (BARBAGLIO, G. et all, *Os Evangelhos I*, 2002).

Conforme Luz (*El Evangelio segun San Mateo*, 18-25, vol. III, 2003), exegeta alemão, a narrativa contém três fases geográficas: 1ª) **diante da cidade**, em Betfagé = casa dos figos verdes – junto ao Monte das Oliveiras; 2ª) **ida à cidade** – delineando um movimento do marginal em direção ao central; 3ª) **entrada no templo** (v. 12-16).

Podemos dizer que Mateus narra a entrada do Rei messiânico em Jerusalém montado numa jumenta e celebrado com ramos e com panos. Todavia não seria inadequado focar o tema central de Mateus no jogo **pergunta-resposta** que se dá entre os que estavam na periferia (vindos de Betânia e Betfagé, além dos que moravam às fronteiras de Jerusalém) e os que habitavam em Jerusalém (personagens com as quais Jesus entrará em tensão nos capítulos seguintes). Por fim, faz-se mister lembrar que Mateus – como todo cuidadoso contador de estórias – joga com o factual para libertar a letra. Explico melhor. Mateus conta a estória de um rei despossuído de carruagem e estandarte num tempo em que o Governador romano da Iduméia, Samaria e Judéia – Pôncio Pilatos –, advindo de direção oposta a de Jesus e sua jumenta, também chegava a Jerusalém, adornado com todos os símbolos de poder e dominação do Império, garantidos pela *Pax Romana* (LIMA, Luciano J. de. *Projeto, resistência e esperança no Domingo de Ramos*, 2009)

O quadro pintado por Mateus é marcado pela tensão entre um rei-messiânico manso e desarmado **X** um governador, representante do que é augusto e dominante.

Talvez por estarem habituados à opressão da Marcha Imperial formada por espadas, broquéis e altos estandartes – espécie de rito de afirmação do domínio romano –; a cidade de Jerusalém, na voz de seus habitantes, questiona: "Quem é este?" – ao se defrontar com um Galileu, montado em animal que não é seu, saudado pelos seus com panos no chão e ramos aos céus.

Essa é uma pergunta crucial para o texto e para nossa reflexão a respeito dele, o que nos provoca outras indagações:

**Quem é este Senhor/Kirios?**

Mateus, diferentemente de Marcos, dá ênfase à procissão de entrada de Jesus em Jerusalém. Essa tônica se reflete na recepção e celebração das pessoas que seguiam Jesus, desde Betânia (= cidade dos pobres), passando por Betfagé, até aquelas/es desvalidas/os moradoras/es das cercanias de Jerusalém. Ao final do processual, é essa massa de peregrinos e despossuídos que responde aos moradores de Jerusalém: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galiléia.”

A resposta nos faz refletir sobre quem é o Senhor hoje, no mundo cristão, e com quem esse Senhor se identifica. Nosso Senhor é o dos Estandartes, Águias doiradas e carruagens? Nosso Senhor é aquele que nos obriga a olhar para a cima, em direção aos seus opulentos símbolos, e a seguir leis em constrangedora submissão?

Mateus conta a estória de um Senhor montado em uma jumenta, símbolo que deve ser entendido, cf. Luz, como uma expressão do pacifismo, da bondade e da gentileza. Talvez nem todos que responderam à pergunta do povo de Jerusalém soubessem quem era Jesus. É provável que não fossem seus seguidores. Porém, nós, leitores tardios do Evangelho de Mateus, sabemos que o “Filho de Davi, aquele que vem em nome do Senhor” é rei-messias simples, manso, de gestos não-violentos e que proporciona vida ao povo doente e desvalido. No percurso que marca minha chegada à FaTeo até hoje, o meu Senhor já se travestiu de Mulher; o meu Senhor já se despiu da prosperidade consumista; o meu Senhor já falou e calou, para além do cristianismo, do judaísmo e do islamismo.

Metamorfose: termo usado para a experiência da ressurreição, entre os/as primeiros/as cristãs/aos (LELOUP, Jean-Yves. *A arte da atenção*: Para viver cada instante em sua plenitude, 2002). Inversão simbólica: experiência que Mateus nos proporciona por meio desse texto. Metamorfose e inversão, tipos de tensão que nos provocam uma última pergunta:

**Que modo é este de falar sobre Senhor ou, mais simplesmente, que Teologia é essa?**

Ao contar essa estória, Mateus faz Teologia. A entrada em Jerusalém desse Senhor às avessas é seguida de um alvoroço (v.10). No grego, essa palavra evoca um terremoto, um tipo de agitação desencadeada pelo que é estranho e tremendo. Como um impacto que movimenta nossos eixos e faz nosso falar trêmulo.
O que pensar de um Senhor que amaldiçoa todo um continente à fome, à violência e à opressão, conforme atestou o pastor Marco Feliciano? Como falar inabalavelmente do Senhor quando um jovem *in nomine Dei* mata crianças?[[3]](#footnote-3)

A estória contada por Mateus nos ajuda a entender (= tender em direção a ≠ de compreender) e a falar sobre Deus de um espaço fronteiriço e sem dominação simbólica. Ao invés de narrar o que está no alto do estandarte, nossa teologia pode falar das coisas da Terra. Dos figos verdes. Dos ramos e panos ao chão. Teologia que faz a partir da Terra.

Ao invés de dominar massas, nossa Teologia pode se irmanar com as periferias do mundo assim como o profeta de Nazaré da Galiléia.

Teologia que se faz a partir das crianças que sofrem: Deus-Pequenino!

Teologia que se faz a partir da mulher violentada: Deusa-mãe!

Teologia que se faz a partir do discriminado: Deuses e Deusas sem identidades fixas e com tantos nomes!

**Conclusão:**

A estória narrada por Mateus, palavra de Deus, nos provoca perguntas sobre quem é nosso Senhor, como e o que falamos sobre Ele. Perguntas constituem fundamentalmente a Fé e também o fazer teológico (TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*, 1985). Quais questões estremecem nossas certezas, quando temos diante nós um Senhor e Rei-messias às avessas, montado numa jumenta?

Deus nos abençoe!

Por Hugo Fonseca

1. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 615. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Cômpito* significa o ponto onde desembocam diversos caminhos; encruzilhada, mudança e evolução. Segundo MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*, p. 128. [↑](#footnote-ref-2)
3. Como indicação literária para refletir sobre a violência em nome de Deus, recomendo SARAMAGO, José. *In Nomine Dei*, 1993. [↑](#footnote-ref-3)